

## **Silviano Santiago e a Renovação da Crítica Literária Brasileira**

### **Silviano Santiago and the renewal of the Brazilian literary criticism**

José Carlos Costa\*

\*Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Cascavel – PR, 85819-110,  
e-mail: costajcc@hotmail.com

**RESUMO:** Silviano Santiago integra uma geração de críticos literários brasileiros, cuja ação se funda na desarticulação dos princípios etnocêntricos, reconhecidos em quase todas as vertentes da crítica literária, em especial as de base comparatista, ressignificando a produção literária brasileira como um todo e, de um modo geral, a latino-americana. O confronto teórico com a crítica brasileira se dá como releitura de textos literários inclusos no cânone, cuja ótica eurocêntrica os havia situado num lugar secundário, em relação à produção de outros países. A leitura dos artigos e ensaios presentes já nas obras *Uma literatura nos trópicos* até *Ora(direis) puxar conversa!* permite reconhecer que, desde seus primeiros trabalhos críticos, Silviano Santiago reconhece o espaço de desenvolvimento da produção latino-americana, ao mesmo tempo em que define o lugar próprio em que as situa: o entre-lugar, espaço em que reconhece a produção do artista e do intelectual latino-americanos. No fundamento de sua perspectiva desenvolve uma reflexão sobre a dependência cultural brasileira, em relação aos países colonizadores que se apresentam ao Novo Mundo como centro e propagam seus valores como únicos. A revisão desses parâmetros se torna o grande trabalho de sua ação crítica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Silviano Santiago; Renovação; Crítica literária brasileira.

**ABSTRACT:** Silviano Santiago is part of a generation of Brazilian literary critics, whose action is based on the disarticulation of ethnocentric principles, recognized in almost all aspects of literary criticism, especially those of comparative base, resignifying the Brazilian literary and, in general, Latin American production as a whole. The theoretical confrontation with the Brazilian criticism occurs as a re-reading of literary texts included in the canon, whose Eurocentric perspective had placed them in a secondary place, in relation to the production of other countries. The reading of the articles and essays already present in the works *Uma literatura nos trópicos* and *Ora(direis) puxar conversa!* allows us to recognize that, from his first critical works, Silviano Santiago recognizes the space of development of Latin American production, at the same time that he defines his own place: the between-place, space in which he recognizes the artist's production and Latin American intellectuals. On the basis of his perspective he develops a reflection on Brazilian cultural dependence, in relation to the colonizing countries that present themselves to the New World as a center and propagate their values as unique. The revision of these parameters becomes the great work of its critical action.

**KEYWORDS:** Silviano Santiago; Renovation; Brazilian literary criticism

A estratégia de abordagem desenvolvida neste artigo tem como princípio a compreensão do descentramento da ótica de leitura e da desconstrução da crítica comparatista que possibilitam a Silviano Santiago efetuar uma revisão das leituras críticas e historiográficas produzidas até então.

Desenvolvemos aqui, uma reflexão sobre termos e posturas que possibilitam compreender a produção teórico-crítica de Silviano Santiago e reconhecer o deslocamento que o destacou, situando-o como referência na revisão e renovação da crítica literária brasileira.

A leitura dos artigos e ensaios presentes já nas obras *Uma literatura nos trópicos até Ora(direis) puxar conversa!* permite reconhecer que, desde seus primeiros trabalhos críticos, Silviano Santiago reconhece o espaço de desenvolvimento da produção latino-americana, ao mesmo tempo em que define o lugar próprio em que as situa: o entre-lugar, espaço em que reconhece a produção do artista e do intelectual latino-americanos. No fundamento de sua perspectiva desenvolve uma reflexão sobre a dependência cultural brasileira, em relação aos países colonizadores que se apresentam ao Novo Mundo como centro e propagam seus valores como únicos. A revisão desses parâmetros se torna o grande trabalho de sua ação crítica.

Na apresentação do livro *Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano Santiago* (1997), obra que reúne depoimentos, estudos e homenagens aos 60 anos do autor, os organizadores apontam para uma das questões desenvolvidas nesta abordagem e que se configura como referência de análise para o estudo da obra do crítico: “A constituição de um pensamento crítico nacional é para Silviano Santiago o confronto de diferenças nascidas do diálogo vivo de culturas [...]” (SOUZA; MIRANDA, 1997, p. 9), mapeando os temas, as formas e aprofundando o conhecimento sobre a perspectiva que norteia esse pensamento.

Tomando o diálogo entre culturas não como relações de superioridade/inferioridade, superando os parâmetros da literatura comparada tradicional que não o compreende como diálogo, mas como uma relação de fonte e influência, ignorando a possibilidade de originalidade nas chamadas culturas periféricas, especialmente as do Novo Mundo, Silviano Santiago, ao revisar fundamentos e princípios adotados por essa crítica, reinscreve as produções latino-americanas, em particular as brasileiras, no contexto da cultura ocidental, reconhecendo a sua formação híbrida, que suplementa e supera o “original” (SANTIAGO, 1982).

A questão que se encontra em debate nos trabalhos críticos de Silviano Santiago é a da pertinência dos parâmetros utilizados para ler/medir as tradições culturais do continente latino-americano, revigorando a abordagem dessa produção pela desconstrução do discurso comparatista etnocêntrico, reconhecendo que:

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de *unidade* e *pureza*; estes dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos, se mostra mais e mais eficaz (SANTIAGO, 2000, p. 16). (Grifos do autor).

Conforme ele mesmo aponta, em entrevista à Heloísa Buarque de Holanda e Marcos Augusto Gonçalves:

O problema capital dos estudos teóricos sobre literatura brasileira é o da literatura comparada. Sendo esta de origem europeia, torna-se imperioso começar a pensá-la no aqui e agora. Creio que nestes últimos anos deu-se uma tentativa de desconstrução do aparato conceitual básico da literatura comparada. *E os conceitos que mais têm sofrido críticas* (desde, por exemplo, os primeiros escritos de Antonio Candido) *são os de fonte e influência* (SANTIAGO, 2011, p. 21). (Grifos nossos).

Essa ação de deslocamento é empreendida objetivamente por Silviano Santiago, conduzindo estudos e pesquisas sobre a literatura brasileira e revendo a perspectiva de análise, especialmente a concepção de universal como própria da literatura europeia e que coloca toda outra manifestação como derivada, secundária ou inferior.

A retomada de obras da cultura e da história literária brasileiras, sob o viés das posições críticas desenvolvidas com base em concepções fundadas em suas experiências de leitura e apoiadas pela reflexão fundada na obra dos teóricos citados, contribui significativamente para renovar o conjunto da crítica e da historiografia literária, produzida desde o séc. XIX, mas particularmente a visão da crítica literária contemporânea, ainda marcada por um viés comparatista clássico, reconhecido em Afrânio Coutinho e Antonio Candido e, noutra medida, mas sob o mesmo viés, no contemporâneo Roberto Schwarz (NITRINI, 2010).

Conforme Eduardo Coutinho:

[...] os comparatistas, provenientes na maioria do contexto euro-norte-americano, o que fizeram, conscientemente ou não, foi estender a outras literaturas os parâmetros instituídos a partir de reflexões desenvolvidas sobre o cânone literário europeu. *O resultado inevitável foi a supervalorização de um sistema determinado e a identificação deste*

*sistema com o universal*. Do mesmo modo, a ideia de que a literatura deveria ser abordada por um viés apolítico, o que fazia era camuflar uma atitude prepotente de reafirmação da supremacia de um sistema sobre os demais (COUTINHO, 2000, p. 10). (Grifo nosso).

A superação desse sistema se dá primeiramente pela desierarquização das culturas e, em seguida, pela revisão do conceito de universal (SANTIAGO, 1982), o que se faz pela transformação dos parâmetros da literatura comparada, que passará a ter como elemento organizador do conjunto o reconhecimento do caráter plural do discurso e a percepção do que é próprio em cada objeto, desdobrado nos estudos comparados contemporâneos.

A produção revista por Silviano Santiago é aquela encontrada em tradição instituída na história de formação da crítica literária brasileira e que remonta aos seus primeiros historiadores e críticos, ocupados em pensar a identidade brasileira e o lugar da cultura em país colonizado, percorrendo os textos que constituem a produção literária nacional desde José de Alencar (Séc. XIX), mas voltando ainda aos primeiros textos produzidos no séc. XVI no Brasil como os do escrivão português Pero Vaz de Caminha e do Padre José Anchieta. Sua releitura da produção ficcional e poética e da tradição crítica instalada no Brasil desde o séc. XIX revisita ainda produções mais recentes, como as da tradição modernista no Brasil, em particular a obra de Oswald de Andrade (Séc. XX), mas em revisão que toma as transformações do modernismo, ainda em suas primeiras manifestações, como Lima Barreto (Séc. XIX/ XX), além da reflexão sobre outros que estiveram presentes na primeira hora modernista, como Carlos Drummond de Andrade, mas expandiram sua perspectiva para outras soluções e Clarice Lispector, em que Santiago fixa uma nova concepção do tempo e a condição experimental do romance não-linear.

A releitura é realizada pelo deslocamento da ótica histórico-nacionalista do século XIX e da visão comparatista desenvolvida no século XX e fundada sobre a questão da origem e do lugar que ocupa a produção latino-americana, desconstruindo as ideias de unidade e pureza, tomadas como parâmetros de análise, associadas a ideias de originalidade e universalidade. O depoimento de Evelina Hoisel, que integra a obra comemorativa dos 60 anos de Silviano Santiago, confirma na trajetória do ficcionista, crítico, pesquisador e docente sua contribuição na “disseminação do saber”, pela publicação dos seus estudos e por sua atuação nos cursos de pós-graduação da PUC-Rio, na formação de pesquisadores, discutindo a “problemática da dependência cultural,

repensando os (pré) conceitos etnocêntricos de *fonte* e de *influência*, que sustentaram o método comparatista tradicional” (HOISEL, 1997, p. 47). Ainda conforme o depoimento de Evelina Hoisel, o professor, pesquisador e crítico:

Percorrendo em sentido inverso os estudos comparatistas, observa a contribuição da colônia para com a metrópole e a cultura ocidental como um ato de destruição e revisão dos conceitos de unidade e pureza. Desse modo, tais conceitos perdem sua característica de superioridade cultural e afirmam uma contaminação de valores que desviam a imposição esmagadora da cultura dominante (HOISEL, 1997, p. 47).

É para escapar a esse esmagamento cultural e encontrar uma posição que defina a postura e as escolhas com as quais aborda a produção latino-americana, sem ignorar o que lhe é peculiar e capital, que Silviano Santiago adota estratégias renovadoras da visão sobre a cultura brasileira numa abordagem teórica que contrapõe e revela, já nessa escolha, a dimensão de suas ideias. Mergulhando fundo na cultura latino-americana e em suas tradições, Santiago obtém aí os argumentos com os quais propõe que a crítica seja feita, com base em outros termos de análise que, respeitando as contaminações, valorizem as estratégias próprias adotadas pelo artista latino-americano.

É significativa a revisão da postura da crítica brasileira realizada por Silviano Santiago, operada pelo descentramento do ponto de análise e pela desconstrução dos paradigmas que situam a literatura brasileira na margem da produção das nações europeias. Santiago faz emergir em sua perspectiva o que está presente nessa cultura, embora ignorado, em arte e pensamento. Isso significa que o crítico tem consciência da força dos argumentos etnocêntricos da tradição cultural europeia, situados no Brasil desde os primeiros colonizadores, e da postura dos intelectuais latino-americanos (entre eles os brasileiros) que os assumiram como verdade, não reconhecendo a possibilidade de existir fora do continente europeu uma força cultural autóctone e desconhecendo sua presença entre o pensamento e a produção nacional. Do olhar lançado sobre a produção cultural latino-americana, resulta o reconhecimento, a superação e o redirecionamento de conceitos engessados pela tradição crítica instalada, mas que já não dão conta de compreender as relações estabelecidas entre a produção estética e os critérios dos quais essa tradição se vale para situá-las.

No trabalho iniciado ainda nos anos 1970, que se fortalece nos anos 1980 e 1990, Silviano Santiago adota e desenvolve concepções e estratégias fundadas numa crítica pós-estruturalista, com uma contribuição conceitual específica do pensamento de Jacques

Derrida, apropriada também pela crítica literária brasileira, cuja leitura lhe possibilitou apreender a arte e a cultura latino-americanas, estabelecendo para essa abordagem outras bases, superando a condição periférica em que foi colocada.

A formulação suplementar constituída pela lógica da *différance* que Santiago adota para a sua releitura da produção brasileira encontra seu fundamento nas formulações teóricas desenvolvidas por Jacques Derrida, como o descentramento, a desconstrução e o suplemento que permitiram ao filósofo um grande questionamento dos pressupostos históricos da metafísica ocidental e, ao mesmo tempo, lhe possibilitaram repensar as tradições do Ocidente como um todo. Em sua crítica a, “lógica do suplemento é a lógica da não-identidade e da não-propriedade e se insere dentro de todo trabalho desconstrutor empreendido por Derrida frente ao discurso da metafísica ocidental” (SANTIAGO, 1976, p. 90). Essa estratégia também foi adotada por Santiago e lhe permitiu, pela desconstrução da visão cosmopolita sobre a cultura brasileira, verificar aquilo que a história foi capaz de simular ou interditar.

A ação de Santiago, que desconstrói os termos da crítica comparatista tradicional, configura-se pela leitura atenta em análise tanto da linguagem quanto da estrutura interna dos textos, pondo a descoberto o que foi ignorado por essa crítica, principalmente recusando a ideia de fonte e influência do comparatismo eurocêntrico, desestruturando as categorias que sustentam o pensamento platônico, estabelecidas como fundamento do pensamento ideológico do eurocentrismo. O resultado é a ressignificação da cultura brasileira e latino-americanas como um todo, além de seu reposicionamento ante a cultura europeia, mas, sobretudo na redefinição do seu valor e de seu lugar no conjunto da cultura ocidental.

Posto que “Os movimentos de desconstrução não solicitam as estruturas do fora” (DERRIDA, 1971, p. 30), o que a possibilita é o que está dentro, assim, é que, revendo a produção estética e cultural, mas também a crítica apoiada em princípios etnocêntricos, Santiago desenvolve suas estratégias de desmontagem de estruturas fixas, reconhece o hibridismo da produção nacional e estabelece parâmetros de análise que consideram a postura adotada pelo artista e o lugar que escolheu conscientemente para o seu desenvolvimento: o entre-lugar, perspectiva e fatos disseminados nos seus textos, vistos em análise mais à frente.

É necessário reconhecer o pioneirismo de Silviano Santiago no estudo da obra de Jacques Derrida no Brasil e a metodologia empregada em trabalho do qual resulta o livro

*Glossário de Derrida* (1976). Produzido em atividade coordenada por Silviano Santiago e elaborado pelos alunos do programa de pós-graduação da PUC/RJ, mais do que uma tradução dos principais conceitos obtidos na obra de Derrida, o *Glossário* contribui para o acesso às ideias do filósofo e o fortalecimento dos estudos da crítica literária brasileira contemporânea, cumprindo um de seus objetivos específicos: possibilitar uma releitura do texto literário, à luz do pensamento pós-estruturalista nas ciências humanas, trazendo para a área de Letras uma importante base teórica.

Conforme lembra Eneida Maria de Souza, a recepção de Derrida no Brasil ganha força a partir de suas primeiras traduções, mas é, principalmente, pela leitura de suas obras nas universidades do Rio de Janeiro, onde também atua Silviano Santiago, que suas ideias começam a ser debatidas e resultam em importante contribuição para os estudos da literatura e da cultura brasileiras. Essa pesquisadora registra em ensaio sobre a recepção de Derrida no Brasil que, em trabalhos da área de literatura comparada e estudos culturais:

O forte impacto exercido pela teoria desconstrutora de Derrida em trabalhos de pesquisa e em teses universitárias resultou na construção de vertentes críticas particulares, seja quanto aos estudos de textos memorialistas, autobiográficos e autoficcionais, seja pela ênfase na análise da escrita literária e nos jogos de linguagem (SOUZA, 2005, p. 17).

Neste estudo dos trabalhos de Santiago, são destacados alguns conceitos como descentramento, desconstrução, *différance* e suplemento, por sua condição de operadores estratégicos na releitura empreendida por ele do cânone nacional, em direção que se afasta da tradição crítica e historiográfica instituída, desde o séc. XIX, mas particularmente pela crítica comparatista do séc. XX.

A crítica desenvolvida por Silviano Santiago tem início justamente na releitura da tradição da literatura brasileira alicerçado na concepção de desconstrução como: “Operação que consiste em denunciar num determinado texto (o da filosofia ocidental) aquilo que é valorizado e em nome de quê e, ao mesmo tempo, em desrecalcar o que foi estruturalmente dissimulado nesse texto” (SANTIAGO, 1976, p. 17). É desse modo que Santiago analisa o conjunto da produção cultural no Brasil e põe a descoberto a crítica literária, desde sua forma positiva e cosmopolita no século XIX até a crítica marxista, passando pelo comparatismo etnocêntrico do séc. XX.

A dinâmica da *différance*, um dos pilares do pensamento da desconstrução, será a estratégia suplementar adotada por Santiago, porquanto,

A *différencen*ão é ‘nem um conceito, nem uma palavra’, funciona como ‘foco de cruzamento histórico e sistemático’ reunindo em feixe diferentes linhas de significado ou de forças, podendo sempre aliciar outras, constituindo uma rede cuja tessitura será impossível interromper ou nela traçar uma margem, pois o que se põe em questão é ‘a autoridade de um começo incontestável, de um ponto de partida absoluto, de uma responsabilidade de princípio’ (SANTIAGO, 1976, p. 22). (Grifo nosso).

O cruzamento dos discursos e a abertura das linhas de análise para além da visão redutora do etnocentrismo possibilitam instituir uma releitura da tradição. A lógica do suplemento, como adição a um todo já completo, é também estratégia para instituir a *différance*, pois

O suplemento é uma adição, um significante disponível que se acrescenta para substituir e *suprir uma falta do lado do significado e fornecer o excesso de que é preciso* [...] pensável a partir do descentramento. A ausência de centro, de significado transcendental tomado *archée telos* (origem e fim), possibilita o movimento da suplementaridade (*supplémentarité*), que é o movimento do jogo das substituições no campo da linguagem (SANTIAGO, 1976, p. 88). (Grifo nosso).

Na configuração da estratégia da desconstrução, o descentramento se faz

[...]. eliminando-se qualquer referência a um centro, a um sujeito, e não mais se privilegiando aspecto algum sob o disfarce da ‘origem’, a atividade interpretativa, com base na polissemia do texto artístico, vai permanecer sempre incompleta, ou noutras palavras, nunca pretendendo chegar a esgotar o significado do objeto-texto na sua totalidade (SANTIAGO, 1976, p. 16).

A desconstrução se constitui no duplo gesto que configura o descentramento: *renversement* transgressão. O movimento do *renversement*

[...] consiste em desrecalcar o dissimulado e inverter a hierarquia de oposições [...] não se trata de opor um grafocentrismo a um logocentrismo, nem, em geral, nenhum centro a outro. Daí a necessidade de um outro gesto para se completar a desconstrução e o descentramento (SANTIAGO, 1976, p. 76).

A transgressão marca “o surgimento de ‘conceitos’ que não se deixem compreender pelo sistema desconstruído [...] trata-se de produzir um novo conceito de

escritura<sup>11</sup>” (SANTIAGO, 1976, p. 77). Nessa direção, o *Glossário* recupera da obra de Derrida, como fundamento desse conceito, a escritura como “advento do jogo na linguagem [...] configurada numa cadeia de substituições: arquitecção, reserva, articulação, brisura (*brisure*), suplemento, *différance*” (SANTIAGO, 1976, p. 31).

Os conceitos apropriados de Jacques Derrida são destacados aqui pela dimensão que assumem na revisão da leitura das obras da literatura brasileira por sua capacidade para tornar claro o processo de construção pela desconstrução na ação teórico-crítica de Silviano Santiago, que desenvolve, ainda nos 1960, a concepção de entre-lugar, como elemento norteador de uma análise das relações entre os países colonizados da América Latina e a Europa colonizadora e etnocêntrica. A ideia de entre-lugar continua sendo desenvolvida ao longo da sua produção crítica como estratégia que ativa uma dinâmica de abordagem da cultura sob os vários aspectos em que se realiza, metamorfoseia-se, evolui e se manifesta em diferentes feições. O ensaio é publicado em 1978, no livro *Uma literatura nos trópicos* e, quando da segunda edição, em 2000, nada foi alterado “no andamento do texto nem na argumentação” (SANTIAGO, 2000, p. 7), fato que revela o vigor e a atualidade do conceito, confirmada pelos diversos estudos e pesquisas que fundamenta na crítica contemporânea. Por outro lado, apesar de terem passado mais de duas décadas, desde a publicação do ensaio, o conceito permanece, porquanto as relações centro-periferia que lhe deram origem pouco ou nada mudaram.

Nesse sentido, ainda hoje o conceito é “[...] fecundo para reconfigurar *os limites difusos entre centro e periferia*, cópia e simulacro, autoria e processos de textualização, literatura e uma multiplicidade de vertentes culturais que circulam na contemporaneidade e ultrapassam fronteiras [...]” (HANCIAU, 2005, p. 215). (Grifo nosso).

A ação de Silviano Santiago, ao longo de sua trajetória, coloca-se em termos de desconstrução do aparato crítico-literário, especialmente o comparatismo tradicional, e construção de uma reflexão assentada em parâmetros que possibilitam verificar desde a esteticidade até a historicidade do objeto, considerando as condições de produção, as

---

<sup>11</sup> O termo “escritura” é empregado aqui, a partir de Barthes, *Crítica e Verdade* (2007), quando este reflete que: optando pela modernidade, restam à crítica duas possibilidades. A primeira é científica, seria a metalinguagem, o caminho científico, crítica institucional, que se desenvolve nas universidades, aliada a outras correntes do pensamento, existencialismo, marxismo, psicanálise, estruturalismo a e a linguística. A outra é a da escritura, crítica realizada pelos próprios escritores, na qual o exercício da crítica aproxima-se do processo da criação poética. Segundo Leyla Perrone-Moisés (2005), é neste momento que a crítica conseguiria se libertar dos entraves ideológicos da crítica universitária. A crítica dos escritores receberia a marca da experiência artística do seu autor, tornando-se ela também uma obra de arte.

estratégias do artista (inclusive aqui o escritor), suas relações com a arte e o pensamento alienígena. Exemplos desse embate estão situados na seção à frente.

Essa percepção do texto literário delimita *o conjunto* e a direção em que a pesquisadora Eneida Leal Cunha situa o que está sob o rótulo de “literatura comparada”, em que:

[...] convivem forças várias de desleitura, de descentramento, de reversão, de revisão. Seus investimentos intelectuais incidem mais frequentemente sobre tradições e construções da modernidade, sobre os discursos e os objetos dos territórios disciplinares em que se distribuiu, no Brasil, o estudo da cultura e da literatura, os cânones, as historiografias; incidem também sobre discursos, vozes e formas silenciadas, postos à margem, ou silenciosos, postos em arquivo, pelas hierarquias necessárias à construção dessas mesmas tradições, desrecalcando-os, fazendo-os emergir, como incidem ainda sobre os discursos e as invenções possíveis nas circunstâncias e com as pulsões paradoxais da contemporaneidade (CUNHA, 1999, p. 103).

No reconhecimento destas formulações do comparatismo é que se caminhará nesta reflexão, situando alguns fundamentos que alicerçam o pensamento teórico-crítico de Silviano Santiago, tornando sua voz singular, especialmente em relação às da crítica e da historiografia literárias institucionalizadas no Brasil desde o séc. XIX.

## SANTIAGO: FICÇÃO E VERDADE

As estratégias da representação literária, que dão sustentação à fabulação da narrativa contemporânea, permanecem como desafio à crítica, como aspecto importante a ser delineado para que seja possível visualizar e compreender as relações estabelecidas entre literatura e sociedade, sobretudo diante das formas híbridas que a narrativa de ficção assumiu. Neste ponto, encontram-se as questões que norteiam a interpretação da obra literária, como as da autenticidade do relato e das relações entre ficção e verdade. A reflexão sobre essas questões percorre toda a produção crítica de Silviano Santiago, nas suas abordagens da literatura brasileira. Em dois pontos cabe o destaque: a presença de sujeito cuja trajetória de vida não é exemplar e as relações entre história e ficção.

O diálogo que mantém com Michel Foucault fundamenta o pensamento de Silviano Santiago sobre a ficção, decorrente de sua compreensão da representação tal como se encontra no mundo moderno. Para tratar do homem moderno, o narrador tomará

outros caminhos: a ressemantização do sujeito na produção híbrida que constituirá, entre outras estratégias narrativas, a autoficção.

Na esteira do pensamento de Foucault, Santiago busca não um modelo do homem moderno, mas desvendando o sujeito que frequenta o relato e sua verdade, procura constituir sua narrativa pela mudança que contamina o gênero ficcional e revela o homem em seu drama cotidiano:

Dessa forma é que a ressemantização do sujeito pelo sujeito ganha tutano para questionar, pela produção textual, o estatuto contemporâneo tanto da técnica/artesanato da ficção (*thecraftoffiction*, em inglês) quanto do cânone ficcional. Com o correr dos anos, o movimento de vai-vem do questionamento duplo abriu-me uma brecha de intervenção dramática e textual, onde tenho trabalhado as principais características – experiência, memória, sinceridade e verdade poética - da moderna literatura do eu (SANTIAGO, 2008, p. 174-175).

A questão se fechará não pelo reconhecimento da verdade do relato, mas pela fundação de uma experiência que componha as histórias e permita ao leitor adentrar ao implícito da narração e encontrar lá uma história bem contada, pois:

A verdade não está *explícita* numa narrativa ficcional, está sempre *implícita*, recoberta pela capa da mentira, da ficção. No entanto, é a mentira, ou a ficção, que narra poeticamente a verdade ao leitor (SANTIAGO, 2008, p. 177). (Grifos do autor).

Em sua arqueologia das ciências humanas, verdadeiro legado à história da filosofia e à compreensão do homem, Foucault (2007) distingue a *episteme* clássica da moderna: a primeira caracterizada pela representação e a segunda assinalada pela dupla experiência do homem, nascido com a modernidade, como sujeito e objeto do saber. Essa perspectiva da representação ecoa como ausência de verdades absolutas e redutoras, porquanto passa pelo filtro humano da emoção do sujeito, agente interessado e implicado tanto como objeto quanto como seu limite da representação.

Michel Foucault, em *As palavras e as coisas* (2007), trata do distanciamento que ocorre entre a palavra e a coisa, pontuando uma ruptura no pensamento ocidental sobre a representação que advém da emergência do homem moderno, em sua dupla configuração de sujeito e objeto da ciência.

Foucault (2007) desenvolve sua reflexão considerando que a ideia da representação, tal como se configurou na antiguidade clássica, se distancia dos saberes da *episteme* moderna, porquanto, a partir do século XIX,

[...] a teoria da representação desaparece como fundamento geral de todas as ordens possíveis; a linguagem, por sua vez, como quadro espontâneo e quadriculado primeiro das coisas, como suplemento indispensável entre a representação e os seres, desvanece-se; uma historicidade profunda penetra no coração das coisas, isola-as e as define na sua coerência própria, impõe-lhes formas de ordem que são implicadas pela continuidade do tempo [...] (FOUCAULT, 2007, p. XX).

Para Foucault “o *cogito* não conduz a uma afirmação de ser, mas abre justamente para toda uma série de interrogações em que o ser está em questão” (FOUCAULT, 2007, p. 448). A modernidade põe “em questão, pela primeira vez, o ser do homem, nessa dimensão segundo a qual o pensamento se dirige ao impensado e com ele se articula” (FOUCAULT, 2007, p. 448).

Na esteira da representação, os estudos sobre o narrador acompanham as transformações por que passam a vida do homem moderno e as configurações decorrentes de sua experiência, registrando no romance contemporâneo, entre elas a relação da narrativa com a história, mas apontando sempre para a origem do romance enfeixada na ascensão da vida moderna e na posição que assume a narrativa da experiência do homem moderno (WATT, 1990). A questão está no próprio cerne da ideia de representação, pois que se a linguagem não dá mais conta de representar a experiência, pela historicidade que a regula e a associa ao tempo, o que assume a voz é o próprio tempo (FOUCAULT, 2007).

Nos rumos e limitações da narrativa, vistos sob a ótica da contemporaneidade, a experiência que fundamenta o relato se encontra agora na vivência do outro, como espetáculo protagonizado, não mais na experiência do narrador. Ao narrador contemporâneo resta compor o relato com a experiência do seu olhar sobre o outro, ainda quando o outro é o mesmo, pois que se distancia para olhar.

Essas perspectivas podem ser visualizadas no livro *Nas malhas da letra* (2000) que “traz ensaios que tentam dramatizar os percalços da nova literatura brasileira. Ao mesmo tempo em que quer privar-se das fortes amarras que mantém com o Modernismo, opta por enfrentar frente a frente à questão da tradição nacional” (SANTIAGO, 2002, p. 10). Nas quatro partes em que divide o livro, Santiago aponta para: 1) a produção literária pós-64 que mapeia “escritas, traços temáticos e problemas” da narrativa contemporânea; 2) a revisão de alguns aspectos do modernismo de 1922, em particular a permanência do discurso da tradição no modernismo; 3) as relações Europa/ América; 4) uma reflexão teórico-metodológica sobre o comparatismo (SANTIAGO, 2002).

Em sua busca de compreender a produção contemporânea, a ruptura da narrativa com o narrador clássico e a impossibilidade do ato de narrar diante da pobreza da própria experiência, Silviano Santiago adota outras estratégias e posturas, como as situadas no ensaio “Narrador pós-moderno” (1986). Nele, desenvolve uma reflexão sobre a perda da aura do narrador clássico, pontuada a partir da reflexão de Walter Benjamin no texto: “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (1936). Reavalia a posição de Benjamin sobre o narrador do romance e do jornal, produtos da vida moderna, e registra as estratégias adotadas pelo narrador contemporâneo denominado como narrador pós-moderno.

Para Benjamin (1994c), a faculdade de intercambiar experiências, fruto de uma vivência do narrador, está desaparecendo do mundo moderno. A experiência do homem moderno é de tal modo traumática que é destituída de sentido para a narrativa nos moldes do narrador clássico, pois não constitui mais uma lição de sabedoria. A narrativa da experiência humana se transforma, pois o narrador toma outros caminhos, que podem alcançar o homem moderno em suas urgências: o romance e o jornal. O relato é constituído por um conhecimento obtido pelo olhar lançado ao outro, isto é, não mais “tecido na substância viva da experiência” (SANTIAGO, 2002, p. 46). O narrador não é mais nem o camponês sedentário e imerso em suas tradições, preservadas no interior do clã e transmitidas ao longo das gerações, nem o marinheiro que em suas viagens reconhece e apreende a cultura e as tradições do outro para depois recompô-las num relato que as revelam e do qual extrai um bom conselho (BENJAMIN, 1994).

É nesse sentido que o romance, eleito como espaço alegórico da experiência do homem moderno, se faz fundado no “indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los” (BENJAMIN, 1994, p. 201). Desancorado da experiência viva, o narrador como aquele que sabe dar bons conselhos não tem mais lugar, pois as experiências possíveis não são mais intercambiáveis; o narrador não pode mais falar de forma exemplar; assume o narrador jornalista, mais ajustado aos tempos modernos, mas que só é capaz de transmitir a informação sobre o outro que observa.

Identificando no texto de Walter Benjamin um processo de descontinuidade, que aponta ainda para a crise da representação, para a impossibilidade de converter o vivido em matéria narrável, Silviano Santiago revisa o conceito e a configuração do narrador e o situa no espírito da contemporaneidade, como aquele que:

[...] transmite uma ‘sabedoria’ que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. Nesse sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar "autenticidade" a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade. Esta advém da verossimilhança que é produto da lógica interna do relato. O narrador pós-moderno sabe que o ‘real’ e o ‘autêntico’ são construções de linguagem (SANTIAGO, 2002, p. 46-47).

Nessa perspectiva, em que Santiago aponta para o jornalista como o narrador que vê e narra sem participar, a autenticidade do relato deixa de ser pontuada pela experiência viva do narrador e postula uma construção verossímil, própria ao jogo moderno da linguagem. Diante do espetáculo que constituirá a vida moderna, a verossimilhança, que sempre esteve a serviço da coerência interna do relato, assumirá a condição de instituir a verdade da experiência narrada. A autenticidade se torna produto da lógica bem formada no relato e a linguagem assume a posição de frente na constituição da experiência que frequentará o relato.

Subtraído da ação narrada, o narrador pós-moderno se torna espectador da experiência do outro, dramatizada como espetáculo sedutor ao qual a ele, como ao leitor, cabe apenas assistir para apreendê-la (SANTIAGO, 2002, p. 51). Assim, a narrativa não é mais produto da vivência do narrador, oriunda da experiência do seu olhar. Na ficção pós-moderna o relato não será mais o de uma história exemplar e moralizadora e terá outros fins: falar da pobreza da experiência e da “pobreza da palavra escrita enquanto processo de comunicação” (SANTIAGO, 2002, p. 56).

A experiência narrada será constituída de outro modo, considerando outros princípios, porquanto:

O espetáculo torna a ação representação. [...] Se falta à ação representada o respaldo da experiência, esta, por sua vez, passa a ser vinculada ao olhar. A experiência do olhar. O narrador que olha é a contradição e a redenção da palavra na época da imagem. Ele olha para que o seu olhar se recubra de palavra, constituindo uma narrativa (SANTIAGO, 2002, p. 59-60).

A experiência é a do olhar que apreende a fortuna ou a tragédia do outro. Aí a configuração da experiência é obtida na contemplação do espetáculo protagonizado pelo outro e numa composição do relato em que a condição e a função dos personagens no arranjo textual narrativo serão outras, pois, agora:

[...] passam a ser atores do grande drama da representação humana, exprimindo-se através de ações ensaiadas, produto de uma *arte*, a arte de representar. Para falar das várias facetas dessa arte é que o narrador pós-moderno - ele mesmo detendo a arte da palavra escrita - existe. Ele narra ações ensaiadas que existem no lugar (o palco) e no tempo (o da juventude) em que lhes é permitido existir (SANTIAGO, 2002, p. 60).

A vida comum é, pois, o espetáculo moderno encenado cotidianamente, assume o palco e se torna um grande drama simulacro a ser apresentado pelo narrador: “Escrever um romance significa descrever a existência humana, levando o incomensurável ao paroxismo” (BENJAMIN, 1994, p. 54).

A crítica de Silviano Santiago, tratando da autenticidade do relato, deve enfrentar ainda o desafio de tratar da historicidade do relato, num tempo em que as perspectivas da história se modificaram para reconhecer a força da linguagem e a natureza subjetiva do relato dos acontecimentos, ainda que cotidianos. A abordagem da relação entre ficção e verdade deve, portanto, já de início, considerar sua condição básica de linguagem, de narrativa filtrada pelo interesse do narrador. A questão será mediada tanto pela percepção da história assumida na modernidade quanto por reconhecer a prisão que a linguagem submeteu o fato histórico e sua narrativa; por outro lado,

Produto de uma história e de uma sociedade, o texto artístico paradoxalmente escapa aos limites da história e da sociedade que o organizam, independente mesmo dos sucessivos leitores que o reorganizam racionalmente, para afirmar-se universal (SANTIAGO, 2002, p. 261).

O narrador que resgata para a sua narrativa o dado histórico na sociedade que o produziu deve compreender que já está superposto pelo tempo e pelas leituras que recebeu. O exemplo de Silviano Santiago para esta questão ele obtém em Guimarães Rosa, na leitura do conto “Um moço muito branco”, de *Primeiras estórias* (1962), ao observar que o narrador do conto chega não aos fatos tal como ocorreram, pois,

Os fatos históricos narrados não o são pela objetividade científica do historiador, misto de geólogo, interessado em recuperar a autenticidade dos fatos para melhor analisá-los e comunicá-los ao leitor; são antes narrados da perspectiva das várias e sucessivas camadas textuais por eles recebidas no correr dos anos (SANTIAGO, 2006, p. 149).

Nesse sentido, a perspectiva do presente que marca a visão do narrador corresponde ao registro dos fatos já recobertos pelas leituras que receberam ao longo do tempo. A superposição do tempo e de múltiplas narrativas dos que a guardaram na

memória tornam a história “objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’” (BENJAMIN, 1994, p. 229). Essa é a perspectiva também da relação dos acontecimentos cotidianos feitos presente e trazidos à narração literária. Nesse sentido conclui Wander Melo Miranda: “A relação do historiador com o real não é tão inequívoca como parece, porque a história não se escreve a partir de uma realidade, mas sim das interpretações que épocas sucessivas puderam construir dessa realidade” (MIRANDA, 2009, p. 146).

A perspectiva do presente é que comanda a história. Para Le Goff (1996), toda a história é contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, inevitavelmente, aos seus interesses. Na mesma direção, já havia caminhado Walter Benjamin, ao tratar “Sobre o conceito de história” (1940):

O historiador [...] capta a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada. Com isso ele funda um conceito do presente como um ‘agora’ no qual infiltraram estilhaços do messiânico (BENJAMIN, 1994, p. 232).

Tratando da historicidade em *Grande Sertão Veredas*, Silviano Santiago afirma a dificuldade de delimitar o tempo do enunciado, pois nunca é o que parece, porquanto: “O narrador do romance constantemente dissimula ou sonega ao leitor o dado histórico bruto, em particular a data dos acontecimentos narrados” (SANTIAGO, 2006, p. 147). Por outro lado, reconhece a relação entre literatura e sociedade, no Brasil, não como espelho, mas, como fundamento ideológico de um discurso da história social vista pelo retrovisor:

O discurso ficcional antes de refletir sobre os problemas do país, da nação ou da região em perspectivas diferentes e complementares, em visões até mesmo antagônicas, antes de refletir sobre as aspirações multifacetadas e contraditórias da população em geral, *o discurso ficcional é a réplica* (no duplo sentido: cópia e contestação) *do discurso de uma classe social dominante*, que quer se enxergar melhor nos seus acertos e desacertos, que quer se conhecer a si mesma melhor, saber por onde anda o país que governa ou governava, que se quer consciente das suas ordens ou desordens, ou ainda da sua perda gradual e crescente de prestígio e poder face a novos grupos ou a transformações modernizadoras da sociedade (SANTIAGO, 1982, p. 28). (Grifo nosso)

Em “Retórica da verossimilhança”, Silviano estudando Machado de Assis, destaca nele “o predomínio da imaginação sobre a memória na investigação do passado” (SANTIAGO, 2000, p. 35), caminho que também percorrerá na sua ficção. A história é a

narrativa da história, posta na ficção pela criação do narrador, terá o alcance de sua imaginação, na dimensão captada pelo leitor.

Refletindo ainda sobre a ideia do universal na literatura Silviano Santiago observa que: “manifestação de uma individualidade, a obra de arte no momento em que se abre para o público deixa que cada um possa compreendê-la e interpretá-la à sua própria maneira” (SANTIAGO, 2002, p. 270). A relação entre ficção e verdade é intermediada pelo leitor, mas a “transgressão aos parâmetros estéticos é algo que preocupa muito mais aos conservadores políticos do que se pensa. A transgressão a modelos artísticos tira o tapete da certeza ideológica” (SANTIAGO, 2013, p. 303) e pode possibilitar uma reversão dos padrões, em sua ignorância do outro.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*. xxx. 2007.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: brasiliense, 1994.
- CUNHA, Eneida Leal (Org.). *Leituras críticas sobre Silviano Santiago*. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008. 238 p.
- \_\_\_\_\_. Literatura comparada e estudos culturais: ímpetus pós-disciplinares. In: ANDRADE, A. L.; CAMARGO, M. L.; ANTELO, R. *Leituras do ciclo*. Chapecó: Grifos, Abralic, 1999, p. 99-105.
- COUTINHO, Eduardo F. O comparativismo brasileiro dos anos 90: globalização e multiculturalismo. In: *Ipotesi*, Revista de Estudos Literários, Juiz de Fora - MG, v. 4, n. 1 p. 9-16, 2000.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Gramatologia*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos).
- HANCIAU, Nubia Jacques. O entre-lugar. In: FIGUEIREDO, E. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF; Niterói: EdUFF, 2005, p. 215-141.
- HOISEL, Evelina. Silviano Santiago e a disseminação do saber. In: SOUZA, Eneida Maria; MIRANDA, Wander Melo. (Orgs.). *Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, 1997. p. 43-49.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

- \_\_\_\_\_. *O falso mentiroso: memórias*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Ora (direis) puxar conversa! Ensaio literários*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano Santiago*, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O olhar*. São Paulo: Global, 1982.
- \_\_\_\_\_. (Sup.). *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Silviano Santiago*. (org.) Frederico Coelho. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011. (Série Encontros).
- \_\_\_\_\_. *Aos sábados, pela manhã: sobre autores & livros*. Organização e prefácio de Frederico Coelho. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Uma literatura nos trópicos; ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Meditação sobre o ofício de criar*. In: *Aletria*, Belo Horizonte - MG, v. 18 jul.-dez, 2008. p. 173-179.
- \_\_\_\_\_. *Entrevista concedida a Hugo Viana, da Folha de Pernambuco. As delicadas reflexões de Silviano Santiago*. 15/07/2013. Disponível em: <http://www.folhape.com.br/cms/opencms/fohape/pt/cultura/noticias/arqs/2013/07/0061.html>. Acesso em: 30 set. 2013.
- SOUZA, Eneida Maria. *A recepção de Jacques Derrida no Brasil*. In: *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, n. 2, pág. 11 - 18, jan/jun, jul/dez 2005.
- SOUZA, Eneida Maria; MIRANDA, Wander Melo. (Orgs.). *Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, 1997. p. 43-49.
- NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*. São Paulo: Edusp, 2010.
- PERRONE MOISES, Leyla. *Texto Critica Escritura*. São Paulo: Atica, 1978.

Data de recebimento: 14/05/2018  
Data de aprovação: 14/05/2018